

Banqueiro suíço oferece juro baixo e taxas fixas

O presidente da União de Bancos Suíços, Robert Holzach, propôs ontem que parte da dívida brasileira com a instituição seja transformada de dólar em franco suíço, com juros fixos correspondentes a quase a metade das atuais taxas da moeda norte-americana, cobradas em função das flutuações do mercado.

Durante um almoço com o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, do qual participou, entre outros, o diretor da Área Externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, Holzach propôs, também, que a parcela do principal da dívida brasileira com a União de Bancos Suíços seja transformada em bônus, a serem colocados no próprio mercado suíço.

Robert Holzach disse, em entrevista, após o almoço, que as taxas de juros do dólar no mercado externo são demasiadamente elevadas e espera que elas se reduzam para, depois, se estabilizarem. Explicou que os empréstimos da União de Bancos em dólar têm de se sujeitar às taxas do mercado externo, mas, se transformados em franco suíço, podem ter os encargos bastante diminuídos.

Segundo ele uma parte da dívida brasileira em dólar já foi transformada em franco suíço, com juros fixos médios de 7% ao ano (contra uma taxa flutuante do dólar, hoje, de

13%) com prazos de oito a nove anos. Ele não especificou o montante da dívida transformada em franco suíço, afirmando apenas que constitui algumas centenas de milhões.

O Brasil deve o equivalente a cerca de US\$ 2,5 bilhões a bancos suíços, sendo a União de Bancos o maior credor, embora Holzach se tenha negado a informar o total do seu crédito com os brasileiros. As propostas de transformação da dívida em dólar e de colocação de bônus no mercado suíço serão estudadas pelo governo brasileiro.

Há receptividade no mercado suíço para a colocação dos bônus brasileiros, embora com um pequeno deságio, explicou Holzach, ao lembrar que, há cerca de quatro anos, bônus do Brasil foram vendidos sem dificuldades em seu país.

O presidente da União de Bancos Suíços se disse impressionado com os bons resultados que o Brasil vem conseguindo em busca de solução dos seus problemas de balanço de pagamentos, dívida externa e em relação às exportações. Lembrou, porém, que pelo menos dois problemas ainda são incógnita: a redução dos níveis da inflação e o comportamento do próximo governo, que pode vir a ser de oposição, em relação à política econômica.